

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Estamos aqui diante de um projeto que nasce não só da lacuna, mas do entusiasmo. Que vem de um lugar de resistência, mas também de expansão de fronteiras.

Não seremos mais coniventes com o argumento da neutralidade analítica que serve à invisibilização e, sobretudo, ao apagamento de sujeitos (com trajetórias leigas ou teórico-acadêmicas) e histórias (pessoais ou “profissionais”) da margem - termo utilizado por Flávia Ripoli no título de seu livro -.

Pois bem, ao falarmos de travessias, as margens se tornam lugar de trânsito e não mais de segregação. É a partir delas que nossas vozes navegam para ir de encontro a outras e fazer eco no continente.

Ainda somos frequentemente expostos a discursos e debates psicanalíticos que reproduzem misoginia, machismo, lesbofobia, transfobia. Acreditamos que não há como transpor certas barreiras quando nossa presença na maior parte das instituições psicanalíticas precisam ser absorvidas sob o véu da camuflagem: tolerades na indiferença/indiferenciação, como se ainda estivéssemos na Viena vitoriana do fim do século XIX.

Muites já vieram antes de nós interpelando a Psicanálise enquanto produção europeia datada: masculina, branca, cishetero, elitista. Desde os feminismos, aos estudos interseccionais de gênero, raça e decoloniais que buscaram confrontá-la por meio do pensamento crítico e emancipador, nós nos colocamos agora como herdeiros latinoamericanos de uma linhagem de psicanalistas que pretendem sustentar interrogações e propostas para a revisão e o desenvolvimento de uma Psicanálise viva em permanente interlocução com a pluralidade de saberes e sujeitos.

A imagem poética e provocadora que queremos trazer é de uma embarcação que parte do isolamento da Ilha de Lesbos para povoar o continente fálico da psicanálise. Se retomarmos Freud e pioneiros no mérito que tiveram de propor um movimento de descentramento de algumas concepções de mundo enrijecidas e exacerbadamente narcísicas, há algo do “espírito” da Psicanálise que queremos resgatar e colocar em prática: a saber, aquilo que ela trouxe como crítica a moral sexual civilizada e, sobretudo, ao potencial adoecedor e aniquilador de uma sociedade que centra seus esforços na homogeneização das subjetividades, no rechaço e patologização da diversidade/diferença. Não nos interessa aqui a Psicanálise tomada como entidade imóvel, como muitas vezes é concebida - pelos mesmos esforços homogeneizantes que ela mesma deveria denunciar - , mas feita e refeita nas ondas que nos levam ao encontro com as potências da alteridade.

Entendemo-nos como agentes dessas potências - nunca onipotentes - mas movimentando-nos diante de uma realidade epistemológica da qual escolhemos não mais recuar. Realidade esta que, para a psicanálise, será também sempre clínica e política. Se nos colocamos aqui marcados por certa identificação pelo que nos une, não faremos uso da identidade enquanto instância ideal ou pressuposto/condição de trabalho da prática da qual nos ocupamos. Recuamos também de qualquer prescrição didática ou nomeações vazias que esgotam sentidos e possibilidades, pois somos ainda e, sobretudo aqui, psicanalistas. Nossa ética se coloca ao lado da política e implica na responsabilidade e no compromisso inarredável com a singularidade. Como Paul B. Preciado propõe em seu célebre e polêmico relatório para uma academia de psicanalistas, não se trata de “forçar o desvelamento de posições subjetivas privadas, mas o reconhecimento de uma posição de enunciação política em um regime de poder heteropatriarcal colonial.”

Por outro lado, acreditamos que alguns discursos em nome da singularidade escondem ideais que perpetuam nosso apagamento e silenciamento. Não basta falar em singularidade se esta precisa ser formatada aos espaços que pode ocupar sob pena de algum tipo de desvalorização. Para além dos desejos legitimados nos divãs de nossas próprias análises, precisamos nos despojar de caricaturas e performances, ainda que penalizadas, para termos alguma chance de criarmos nós mesmos espaços onde nossas produções não sejam subestimadas pela nossa posição deslocada da cisheteronorma, ou melhor, onde possamos olhar pra nossa teoria nos interrogando onde estão e onde ainda podem estar as contribuições das vozes não-hegemônicas à psicanálise.

Na prática, Travessias Lésbicas da Psicanálise é um projeto de trabalho e pesquisa que objetiva estudar, ler, transmitir e fazer trabalhar as intersecções entre lesbianidades e psicanálise. Trata-se de um espaço coletivo de trocas, debates e publicações de psicanalistas lésbicas, sapatão, caminhoneiras e sapatrans, construído a partir de vozes diversas e historicamente apagadas do campo psicanalítico, que identificam a lesbianidade e a sapatonice como modo de vida, afeto e/ou desejo, descentrados da cisheteronormatividade e da lógica falocêntrica predominante em grande parte das produções teórico-clínicas em psicanálise.

Se nos reunimos hoje é pelo encontro que nos trouxe até aqui: desta ilha belorizontina partiu o desejo e a proposta, pela voz de Érica, de nos lançarmos nesta travessia. Dali, ela passou por Brasília para recrutar quem embarcaria com grande furor neste barco: Anna. Já nas ondas movimentadas da internet, chegamos até Flávia e Jéssica, em São Paulo e na Bahia, e, então, retornamos a BH para Oli e Luísa se juntarem a nós. Assim um coletivo começa a nascer: de vozes sedentas, muitas vezes abafadas e, sobretudo, desejantes. O que nos une também é esse desejo que se materializa na intensidade, no tom e no timbre das ondas vocais que agora

atravessam barreiras para fazerem eco a procura de outras vozes vindas de histórias pouco contadas, deformadas ou esquecidas e daquelas que tem no hoje a ocasião para alcançar e ressignificar mais espaços. Com as palavras de Fernando Pessoa, anunciamos esse nascimento:

“Sei ter o pasmo essencial

Que tem uma criança se, ao nascer,

Reparasse que nascera deveras...

Sinto-me nascido a cada momento

Para a eterna novidade do Mundo

Colem com a gente?